

COM PAULO, CONTRA PAULO: AS LEITURAS DE MILOVIC, BADIOU E NIETZSCHE

WITH PAUL, AGAINST PAUL: THE READINGS BY MILOVIC, BADIOU, AND NIETZSCHE

Rose Brito

Instituto Miroslav Milovic, Recife

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v3i1.120>

Resumo: O texto identifica arquétipos de Paulo na filosofia de Milovic, Badiou e Nietzsche. As interpretações destes três filósofos são singulares. Para Milovic, Paulo pode ser um “guia” para o nosso tempo, ao afirmar a justiça fora do direito e das leis. Para Badiou, Paulo é uma “figura militante” que deve ser dissociado das leituras religiosas de santidade, Paulo anuncia uma ruptura, uma mudança radical do ser humano. Por outro lado, para Nietzsche, a vingança impotente de Paulo transformou-o no símbolo do ressentimento, o principal representante da moral dos fracos que contaminou a cultura ocidental. O aspecto inovador do artigo é, por fim, demonstrar os entrelaçamentos nas leituras de Milovic e Badiou, pois incorporadas as diferenças, tanto Paulo quanto Nietzsche integram o projeto do direito como potência de Milovic e o conceito de antifilosofia de Badiou.

Palavras-chave: antifilosofia, justiça, militância, ressentimento.

Abstract: The text identifies archetypes of Paul in the philosophies of Milovic, Badiou, and Nietzsche. The interpretations of these three philosophers are singular. For Milovic, Paul can be a “guide” for our time by affirming justice beyond law and legal systems. For Badiou, Paul is a “militant figure” who must be dissociated from religious readings of sainthood. Paul announces a rupture, a radical transformation of human being. On the other hand, for Nietzsche, Paulo’s impotent vengeance turned him into the symbol of resentment the main representative of the morality of the weak that has contaminated Western culture. The innovative aspect of the article is, ultimately, to demonstrate the interconnections between Milovic’s and Badiou’s readings, since, despite their differences, both Paul and Nietzsche integrate Milovic’s project of law as potentiality and Badiou’s concept of anti-philosophy.

Keywords: anti-philosophy, justice, militancy, resentment.



Introdução

A primeira seção do artigo apresenta o embate de Nietzsche com Paulo a partir da obra *O Anticristo*. A divisão proposta por Karl Löwith¹ situa este livro na terceira fase do pensamento nietzscheano, que corresponderia ao “Nietzsche maduro”. A hipótese desta seção é que uma leitura d’*O Anticristo* em conjunto com as ideias desenvolvidas neste terceiro período pode ampliar o horizonte interpretativo no que diz respeito a compreensão da ética em Nietzsche; o que de certo modo não seria possível em uma leitura isolada desta obra.

É importante ter ciência que neste terceiro período Nietzsche “constrói a doutrina do eterno retorno e a teoria da vontade de potência, além de tornar operatório o conceito de valor e instaurar o procedimento genealógico” (Marton, 1990, p. 27). A obra *O Anticristo* foi pensada em um projeto maior, no entanto o plano não se concretizou porque Nietzsche foi acometido pela doença. No planejamento, constava

[...] a publicação de uma obra composta de quatro livros, o filósofo elabora o plano “Transvaloração de todos os valores”, Primeiro livro: *O anticristo - ensaio de uma crítica do cristianismo*. Segundo livro: *O espírito livre - crítica da filosofia como movimento niilista*. Terceiro livro: *O imoralista - crítica da mais fatal espécie de ignorância: a moral*. Quarto livro: *Dioniso - filosofia do eterno retorno*. Desse plano, chega a redigir apenas uma das quatro partes. Na carta a Georg Brandes de 20 de novembro do mesmo ano, passa a considerar *O anticristo* não o primeiro livro, mas o conjunto da “Transvaloração de todos os valores”; essa ideia reaparece em outras cartas. (Marton, 1990, p. 25)

Nessa perspectiva conjuntural, o embate de Nietzsche com Paulo se materializa no antagonismo radical de ideias. O projeto nietzscheano da transvaloração dos valores se edifica na negação do modelo paulino de transcendência, da vida após a morte. De igual modo, o conceito de

1 Esta divisão da obra de Nietzsche é reinterpretada por Scarlett que afirma: “Caracterizar o primeiro período, conforme o hábito, como o do *pessimismo romântico* faz sentido, desde que se sublinhe que a filosofia de Schopenhauer e a música de Wagner, além da formação filológica, fornecem a Nietzsche os pontos de partida para a reflexão. Se nessa fase ele acredita na renovação da cultura alemã, como pretende Löwith, manifesta a mesma preocupação em toda a obra e, com veemência, nos escritos de 1888. Definir o segundo período como o do *positivismo cético* é plausível, quando se ressalta que ele então se abre à influência das ideias de Augusto Comte. Nesse contexto, a busca de seu caminho enquanto espírito livre aparece na crítica que dirige a toda sorte de crença e no elogio que faz à ciência por prover ao espírito a disciplina necessária para libertar-se das convicções. Encarar o terceiro período como o da reconstrução da obra tem razão de ser, na medida em que se salienta seu empenho em elaborar, de forma consistente, a própria filosofia” (Marton, 1990, p. 27).

vontade de potência de Nietzsche contrapõe a concepção de fraqueza constitutiva da moral cristã anunciada por Jesus e universalizada por Paulo.

As epístolas paulinas criticadas por Nietzsche encantam Badiou. Na *École Normale Supérieure (Paris)*, Badiou desenvolveu o ciclo de seminários sobre a antifilosofia. De 1992 a 1993, as lições foram sobre Nietzsche; de 1995 a 1996, o curso foi dedicado a Paulo. Os outros dois seminários sobre a antifilosofia versavam sobre o pensamento de Wittgenstein (1993-1994) e Lacan (1994-1995). O conceito de antifilosofia é apresentado na segunda seção deste artigo. De acordo com Badiou, Nietzsche e Paulo são antifilósofos, militantes radicais, que defendem de forma distintas a vida. Paulo, a vida após a morte, a partir do acontecimento-ressurreição de Cristo; e Nietzsche, a máxima afirmação da vida na imanência, a vida aqui e agora.

No parágrafo 42 d’*O Anticristo*, fica explícito o ponto central da crítica de Nietzsche: “Paulo simplesmente deslocou o centro de gravidade de toda aquela existência *para trás* dessa existência - na *mentira* do Jesus “ressuscitado” (Nietzsche, 2007, p. 48). A defesa da imortalidade corroborada pela ideia da ressurreição e do paraíso seria para Nietzsche um engodo criado por Paulo para sustentar a moral cristã. “A vida, para Nietzsche, jamais poderia ser esmagada pelas promessas de uma vida futura. A vida imortal é essa, a que vivemos agora.” (Kehl, 2020, p. 26)

Embora Paulo e Nietzsche anunciem projetos distintos, um de transcendência e outro de imanência, na interpretação de Badiou o Cristo paulino e o Zarathustra nietzscheano seriam modelos anunciados de uma antifilosofia. Tanto Paulo quanto Nietzsche “pregam uma ruptura com o mundo e com a verdade filosófica. Profética e polêmica, a pregação antifilosófica também se apresenta como terapêutica, encarregada de curar o sujeito da doença representada pela própria filosofia. Mas, ao revelar seus limites intrínsecos, a antifilosofia pretende estabelecer a novidade que anuncia simplesmente por anunciá-la, uma vertigem do poder performativo da palavra.”² (Badiou, 2022, p. 266)

Enquanto Nietzsche constroi a caricatura de Paulo como uma figura farsante motivada pelo desenvolvimento de uma religião universal, Badiou edifica a imagem política de Paulo, com características em potencial para inspirar os militantes de esquerda na contemporaneidade. Para Milovic, a justiça fora das leis é a questão principal a ser evocada nas epístolas paulinas. Na terceira seção deste artigo será enfatizada a leitura mirosloviana sobre Paulo e Nietzsche na composição do projeto do direito como potência.

2 Tradução livre.

Ao final do texto, pretende-se concluir que as leituras filosóficas de Badiou e de Milovic indicam uma dimensão ética do pensamento de Nietzsche. “A ética nietzschiana não contrapõe os bons e os maus, mas os fortes e os fracos, no sentido daqueles que lutam pelo que desejam e aqueles que se submetem. Sua máxima moral é o “torna-te quem tu és” (Kehl, 2020, p. 25).

O embate de Nietzsche com Paulo

Um lunático... Esse *terrível embusteiro* [...].
(Nietzsche, 2007, p. 54).

Este fragmento do parágrafo 45 é apenas uma breve demonstração das várias ofensivas de Nietzsche a Paulo na obra *O Anticristo*. Nesta seção, pretende-se demonstrar que a noção de fraqueza defendida por Paulo e criticada por Nietzsche é um dos pontos de confronto entre eles, com implicações éticas. A fraqueza do ser humano é reverenciada nas epístolas paulinas. “Por isso, por Cristo, alegrome nas fraquezas, nos insultos, nas privações, nas perseguições, nas angústias; pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Coríntios 12: 10).

No discurso de Paulo, a fraqueza, o sofrimento, o martírio fazem parte da vida terrena; o cristão, portanto, não deve se ater a esta vida imanente, mas se preparar para a vida após a morte, a vida eterna no reino de deus. A glória não é para ser vivida na experiência sensorial do corpo, mas no reino espiritual, com os justos e bem-aventurados: os fracos, os mansos, os que choram, os pobres e os misericordiosos. “Se é preciso glorificar-se, é de minha fraqueza que me glorificarei” (2 Coríntios 11:30). Se para Paulo a força está na fraqueza, isso significa dizer que a força não equivale ao poder, a dominação, ao logos, aos instintos e ao corpo. A virtude cristã é a negação da vontade de poder, o que na perspectiva nietzscheana é a negação da vida.

Em todo o decorrer da obra *O Anticristo*, Nietzsche combate o discurso paulino da fraqueza. No parágrafo 2, encontra-se a sentença: “Os fracos e malogrados devem perecer: primeiro princípio de nosso amor aos homens. E deve-se ajudá-los nisso. O que é mais nocivo que qualquer vício? - A ativa compaixão por todos os malogrados e fracos - o cristianismo...” (Nietzsche, 2007, p. 9). Para o filósofo alemão, o projeto paulino de exaltação dos fracos contraria os instintos naturais da

sobrevivência da espécie humana. Nesse aspecto, Nietzsche compartilha as ideias do positivismo e evolucionismo cientificista da sua época, cuja tese predominante refutava o criacionismo e afirmava a seleção das espécies mais adaptadas e fortes para sobrevivência. A sobrevivência requer o cultivo dos instintos, não da compaixão. Assim, a tese paulina da fraqueza além de antagonica à natureza traria prejuízos à vida e a própria preservação da espécie.

Na compreensão nietzscheana, Jesus foi um “décadent” que morreu na cruz para provar sua doutrina do perdão. Foi apenas um homem que não se vingou de seus algozes, mesmo sendo o filho de Deus. Por sua vez, Nietzsche define Paulo como “ressentido”, pois universalizou o modelo da fraqueza humana como paradigma moral do Ocidente, fruto de uma vingança impotente. “Paulo foi o maior de todos os apóstolos da vingança...” (Nietzsche, 2007, p. 54). O ressentimento “é uma característica dos fracos. Tem parentesco com a covardia moral a que se refere Freud. O ressentido vê em tudo aquilo que o oprime e fere o “mal” no sentido moral e, em contrapartida, elabora a imagem de si mesmo como “bom”. Assim, o ressentido, em vez de fortalecer-se e lutar, sente-se moralmente autorizado a demandar de seu opressor que não seja forte.” (Kehl, 2020, p. 24)

A hipótese apresentada no início do texto – de uma leitura conjuntural da obra *O Anticristo* em diálogo com outras obras e conceitos do terceiro período, como transvaloração dos valores, eterno retorno e vontade de potência – é exitosa. A obra *Genealogia da Moral* é citada n’*O Anticristo* o que demonstra uma conexão entre elas. Nietzsche afirma:

Em minha *Genealogia da moral* expus pela primeira vez, em termos psicológicos, os conceitos antitéticos de uma moral *nobre* e uma moral de *ressentiment* [ressentimento], esta se originando do *Não* àquela: mas esta última é pura e simplesmente a moral cristã. Para poder dizer Não a tudo o que constitui o movimento *ascendente* da vida, a tudo o que na Terra vingou, o poder, a beleza, a auto-armação, o instinto do *ressentiment*, aqui tornado gênio, teve de inventar um *outro* mundo, a partir do qual a *afirmação da vida* apareceu como o mau, como o condenável em si. (Nietzsche, 2007, p. 28).

Nas obras *O Anticristo* e *Genealogia da Moral*, o filósofo indica a existência de duas morais: a moral nobre (dos fortes) e a moral do ressentimento (dos fracos). A primeira, também chamada de moral aristocrática, é rememorada na antiga noção de areté guerreira; constatada, por exemplo, no personagem de Agamemnon da *Iliada*. A segunda, a moral escrava, está associada à doutrina cristã, cujo principal representante

é Paulo. A exaltação da fraqueza e da vida após a morte (“no além mundo”) corresponderia ao sintoma do ressentimento, um desejo de vingança e uma culpa que transforma o cristão em vítima. O pecado original de um é universalizado e recai sobre todos, “pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores” (Rm 5, 19).

O projeto de Nietzsche, portanto, é a transvaloração de todos os valores, uma ética da afirmação da vida cuja máxima “torna-te quem tu és” sobreleva a afirmação de si. Na psicanálise esta questão é debatida em torno do desejo: “[...] para Nietzsche, nenhum desejo é maior do que o desejo de submissão. Onde a psicanálise fala em “não ceder de seu desejo”, Nietzsche fala em uma vida potente como vida do “desejo superado”. O que seria, para a psicanálise, o equivalente à superação do desejo em Nietzsche?”³ (Kehl, 2020, p. 25)

Nietzsche e Paulo na antifilosofia de Badiou

O ciclo de seminários ministrado por Badiou na *École Normale Supérieure (Paris)* intitulado antifilosofia teve início em 1992-93 tendo como centralidade o pensamento de Nietzsche. A motivação deste projeto foi em decorrência do manifesto “*Porque não somos nietzscheanos*” publicado por autores conservadores na França. Neste momento particular de negação da obra de Nietzsche, Badiou dedica-lhe um seminário. O tema da antifilosofia iniciou com o pensamento de Nietzsche e prosseguiu com debates sobre Wittgenstein, Lacan e Paulo. O projeto previa ainda a inclusão de Pascal, Rousseau e Kierkegaard.

O que haveria de comum entre esses autores catalogados de antifilósofos? Para Badiou, “toda antifilosofia é constitutivamente anunciadora e portadora de um evento, ou melhor, de um ato. Todos os antifilósofos testemunham, tanto com a própria vida quanto com a própria obra, a necessidade de um gesto radical, de uma ruptura com o curso do mundo”⁴ (D’Aurizio, 2020, p.18). Badiou ao examinar o pensamento desses quatro autores qualifica-os de antifilósofos, sobretudo, porque cada um ao seu modo, radicalizou a noção de verdade filosófica e promoveu atos

3 “O ‘desejo superado’ nietzschiano encontra seu equivalente na condição desejanter do sujeito da psicanálise: é porque não há o Outro que possa tomá-lo como objeto de seu gozo que o neurótico, em fim de análise, assume a condição paradoxal de ter de se responsabilizar por um desejo que só encontrará realização fugaz em suas expressões significantes. O atravessamento do fantasma permite que o sujeito da psicanálise renuncie ao desejo de submissão ao gozo do Outro.” (Kehl, 2020, p. 26)

4 Tradução livre.

de ruptura com o mundo estabelecido. O ato antifilosófico de Nietzsche é intitulado por Badiou de *arqui-política*. A crítica à metafísica trouxe consequências para a política e para noção de Estado que, de acordo com Nietzsche, contrariava a natureza. No *Anticristo*, fica explícito a influência da moral fraca do cristianismo na política moderna: “E não subestimemos a fatalidade que do cristianismo se insinuou para a política! Hoje ninguém mais tem coragem para direitos especiais, para direitos de senhor, para um *páthos da distância*... Nossa política está *doente* dessa falta de coragem!” (Nietzsche, 2007, p. 50).

Nessa leitura, o que Paulo teria em comum com Nietzsche para ser considerado um antifilósofo? Segundo Badiou, “ambos levaram a antifilosofia a um ponto em que já não se trata mais de uma “crítica”, ainda que radical, das mesquinhas e dos caprichos do sábio ou do metafísico. Trata-se de algo muito mais sério: fazer emergir como evento a afirmação integral da vida contra o reino do negativo e da morte. Ser aquele - Paulo ou Zaratustra - que antecipa, sem vacilar, o momento em que “a morte foi tragada na vitória” (1 Cor 15,54).”⁵ (Badiou, 2022) Após concluir o último seminário sobre a antifilosofia dedicado a Paulo, Badiou publica o livro *São Paulo: a fundação do universalismo*, em 1997, em que aprofunda a tese de Paulo como uma nova figura militante. Nesta obra, Badiou demonstra todo o fascínio e importância das epístolas paulinas sem traços religiosos para o tempo presente.

Paulo e Nietzsche no direito como potência de Milovic

“O ser humano foi criado para que seja possível o Novo no mundo, afirmava Santo Agostinho” (Milovic, 2006, p. 3). Essa afirmação ressoava na vida e no projeto do direito como potência de Milovic, que pode ser compreendido como uma proposta para criar novas possibilidades para o direito. Ou, melhor, potencialidades. Iniciado em 2017, o curso previa inicialmente o debate sobre a obra de três autores: São Paulo, Spinoza e Deleuze⁶. Cada um deles referenciava o contexto da tradição, da modernidade e da contemporaneidade. Paulo, cronologicamente situado na tradição, é sugerido por Milovic como um “guia” para os tempos atuais, dado a contemporaneidade de suas ideias e práticas.

5 Tradução livre

6 Ver a Ementa do curso disponível nos *Manuscritos do Direito como Potência*.

Nessa seção, quer-se indicar a compressão paulina da justiça fora das leis enfatizada por Milovic. “Paulo vê que as leis são injustas. Matam Jesus. As leis não nos ligam com a possibilidade da nossa própria potência. Nos relacionam com os objetos. Ou melhor, dizem relacionar nossos desejos com os objetos e articulam as condições de satisfação. Isso é o sentido das leis.” (Milovic, 2023, p. 31) Esta perspectiva situaria Paulo como um autor contemporâneo, inclusive, como um crítico do positivismo jurídico.

Resta implícito no curso de Milovic sobre Paulo a distinção muito nítida apresentada por Derrida na obra *Força de Lei*. Às leis, o direito, não se confunde com a justiça. Este diálogo com Derrida torna-se explícito quando Milovic apresenta a possibilidade concreta da justiça dissociada de uma compreensão metafísica. “A justiça é a experiência afirmativa da chegada do Outro como Outro’, fala Derrida. A afirmação da contingência do Outro. Por isso, se chama amor e não algum tipo de procedimento racional” (Milovic, 2023, p. 31-32). A perspectiva derridiana da justiça como desconstrução do direito se interconecta ao projeto miroslaviano do direito como potência. Com rastros e diferenças.

Nietzsche e Foucault são os autores do curso de Milovic no semestre 2019.2. A crítica radical ao dualismo alma e corpo indica que o projeto do direito como potência entrelaça imanência, corpo, vida e justiça. Um desses traços é a própria definição de justiça adotada: “A justiça, nas belas palavras da Sarah Kofman é a justificação da vida.” (Milovic, 2023, p. 52). Essa é a aposta miroslaviana, com Paulo, contra Paulo.

Referências

Badiou, Alain. *Nietzsche*. L'antifilosofia 1. Seminário 1992-1993. Mimesis Edizioni, 2022.

Badiou, Alain. *São Paulo. A fundação do universalismo*. São Paulo: Boitempo, 2009.

D'Aurizio, Claudio. Da Nietzsche a “Nietzsche”. Badiou e L'instaurazione dell'antifilosofia. In: *Nietzsche*. L'antifilosofia 1, Seminário 1992-1993. Mimesis Edizioni, 2022, p. 10-29.

Kehl, Maria Rita. *Ressentimento*. 3. ed.. São Paulo: Boitempo, 2020.

Löwith, Karl. *De Hegel a Nietzsche*. A ruptura revolucionária no pensamento do séc. XIX. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

Löwith, Karl. *Nietzsche: Philosophie de l'éternel retour du même*. Trad. de Anne-Sophie Astrup. Paris: Calmann-Lévy, 1991.

Nietzsche, F. *O anticristo: maldição ao cristianismo; Ditirambos de Dionísio*. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2007.

Nietzsche, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Marton, Scarlett. *Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos*. SP: Brasiliense, 1990.

Milovic, Miroslav. *Direito como potência*. Santo Ângelo: Metrics, 2023.

Milovic, Miroslav. *A impossibilidade da democracia*. Anais do XIV Congresso Nacional do CONPEDI, Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.